

Uso de Contraceção de Emergência entre Jovens Estudantes de São Paulo (Brasil): necessidade ou ameaça a prevenção de DST/aids

- **Regina Figueiredo** (socióloga, Mestre em Antropologia Social e Coordenadora de Pesquisas em Saúde Reprodutiva e Prevenção de DSTAIDS no NEPAIDS – Núcleo de Estudos para a Prevenção da AIDS /USP);

Objetivos

O objetivo deste trabalho é mostrar a importância da contraceção de emergência no contexto brasileiro e a forma como este método vem sendo utilizadas por adolescentes de escolas públicas da cidade de São Paulo, segundo pesquisa realizada em 2001.

Justificativa: Contexto Nacional

No Brasil, apesar do Programa de Atenção à Saúde da Mulher (PAISM), prever o acesso a todos os contraceptivos normatizados (incluindo a contraceção de emergência) desde 1996, há um imenso número de gestações não-planejadas e indesejada (46% segundo o Ministério da Saúde em 1998).

Essas gestações resultam, invariavelmente, em abortos, quarto motivo de internações hospitalares no sistema público de saúde, segundo fontes do Ministério da Saúde. Além do atendimento hospitalar, o aborto corresponde a uma das principais causas de morte-morbidade materna, inclusive na faixa adolescentes.

A gravidez na faixa etária até 20 anos chega a 25,8% das internações em hospitais conveniados ao Sistema Único de Saúde (SUS), segundo dados do Ministério da Saúde de 1996; junto aos partos, as internações causadas por gravidez e pós-parto, totalizam quase 80% das internações entre 15 a 19 anos.

Por este motivo é de fundamental importância o desenvolvimento de políticas públicas amplas incluindo a população jovem, para amparar seus direitos sexuais e reprodutivos com acesso aos contraceptivos e orientações de planejamento de gravidez. Apesar desta prioridade, a contraceção de emergência, regulamentada pelas Normas de Planejamento Familiar do Ministério da Saúde desde 1996, não vem sendo disponibilizada sistematicamente a esta população (com exceção de poucos serviços de atendimento às mulheres vítimas de violência).

Apesar do não acesso via serviços de saúde público, a contraceção de emergência começou a ser comercializada no país em agosto de 1999, dando acesso a sua aquisição facilmente nas farmácias do país. Por este motivo, procurando ampliar esse acesso via serviço público e gratuito e, ao mesmo tempo, sensibilizar essa necessidade e apresentar os impactos desse uso para os planejadores e profissionais que trabalham na prevenção da DST/aids foi formulado o estudo abaixo.

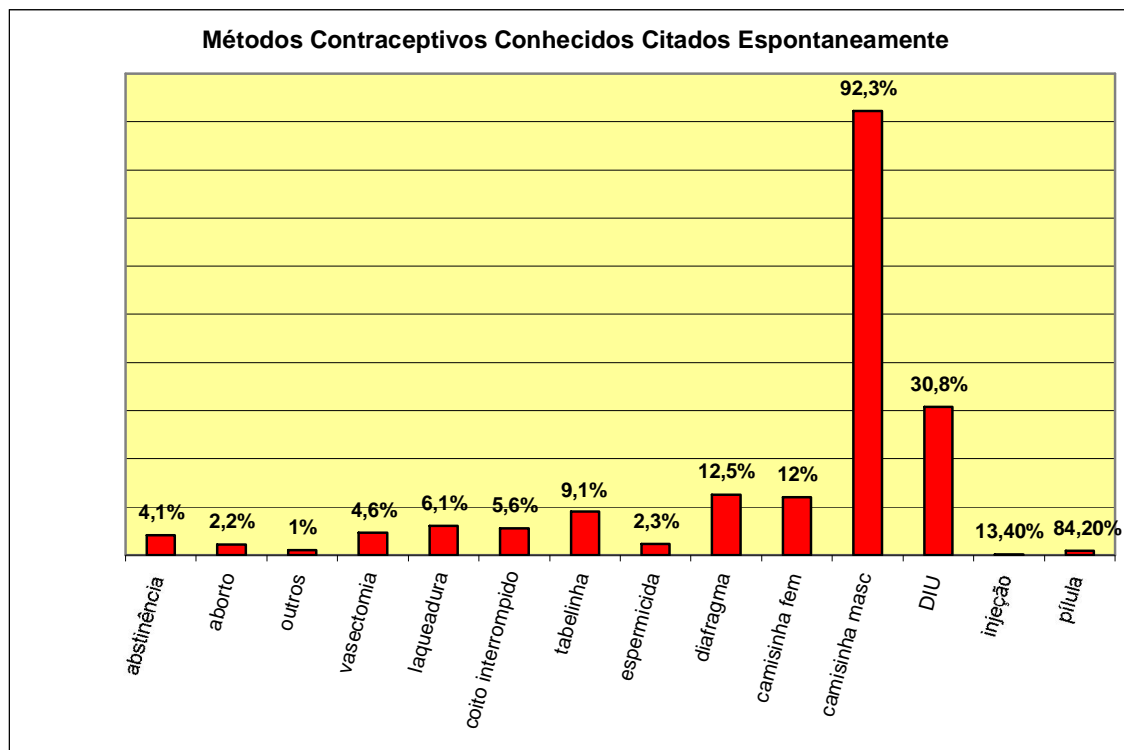
Metodologia

O estudo realizado entre Novembro e Dezembro de 2001 foi quantitativo e utilizou-se de questionários semi-estruturados, auto-preenchidos em sala de aula por alunos de período diurno e noturno de cinco escolas estaduais de Ensino Médio, referência das cinco regiões da cidade de São Paulo/SP-Brasil (norte, sul, leste, oeste e centro).

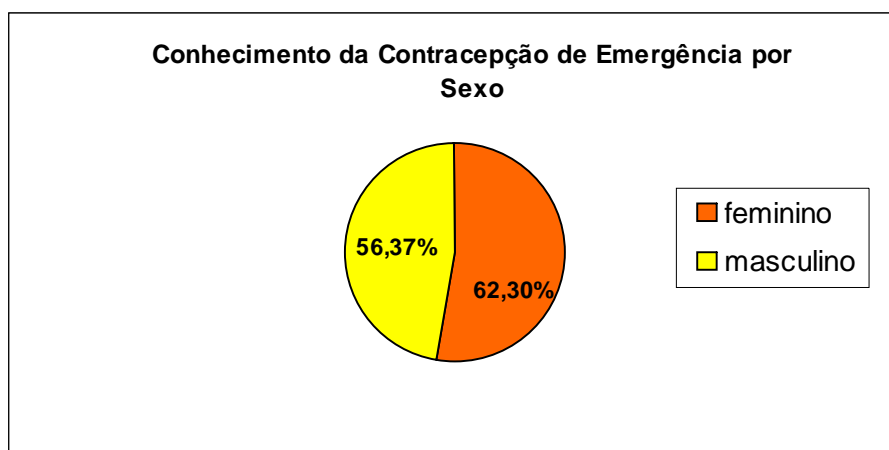
As informações obtidas no instrumental de estudo enfocaram o conhecimento, utilização e perfil dos usuários da contracepção de emergência, possibilitando uma reflexão deste no panorama de saúde sexual e reprodutiva brasileira. Além disso, comparou-se tais questões ao conhecimento e uso de métodos contraceptivos, em geral, e as motivações para utilização e frequência de uso dos preservativos.

Resultados: *O Uso de Contracepção de Emergência entre Jovens Escolarizados em São Paulo*

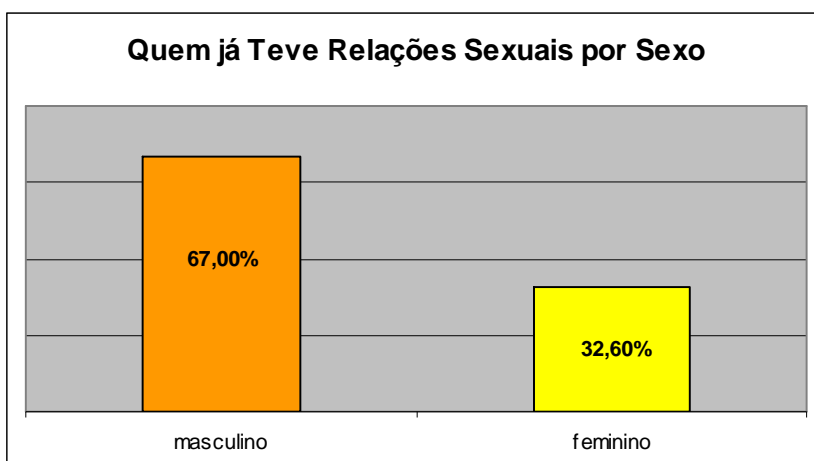
Dos 783 jovens pesquisados, 334 meninas (42,7%), 447 meninos (57,1%) e 2 sem identificação de sexo (0,3%), todos conheciam algum método contraceptivo, sendo os mais citados a camisinha masculina e a pílula, com 92% e 84% de referência espontânea, respectivamente.



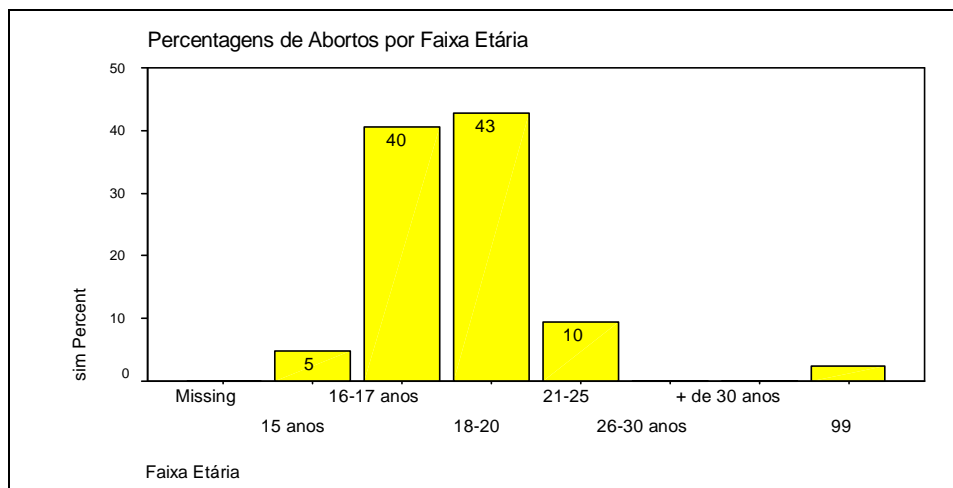
A contracepção de emergência (pílula do dia seguinte) já é bem difundida entre este público, apesar de menor citada na pergunta espontânea (10,3%), em pergunta estimulada 59% dos jovens afirmaram já ter ouvido falar desse método:



Do total de jovens pesquisados, 64,2% já mantiveram relações sexuais, sendo que o início da atividade sexual ocorreu entre os 14 e 16 anos de idade para 29,1% deles. Este início de atividade sexual ocorreu principalmente entre os meninos, que referiram significativamente também maior prática de sexo anal, representando 82,1% dos que realizaram esse tipo de prática, contra 17,9% das meninas, diferença de 64,2% a mais desta prática entre os meninos.



Essa prática sexual resultou, em alguns casos em 62 experiências de gravidez (7,9% do total de pesquisados) e, inclusive 42 casos de abortos (5,4%), na maior parte das vezes entre jovens que residem apenas com a mãe:



Dos adolescentes que mantêm relações sexuais, 72% fazem atualmente uso de algum método contraceptivo, sendo a camisinha masculina o mais usado (por 75% das meninas e 94% dos meninos). A pílula anticoncepcional, apesar de bastante conhecida pelos jovens, na pesquisa mostrou ser pouco utilizada, somente 17% das meninas e 4% dos meninos disseram a utilizar.

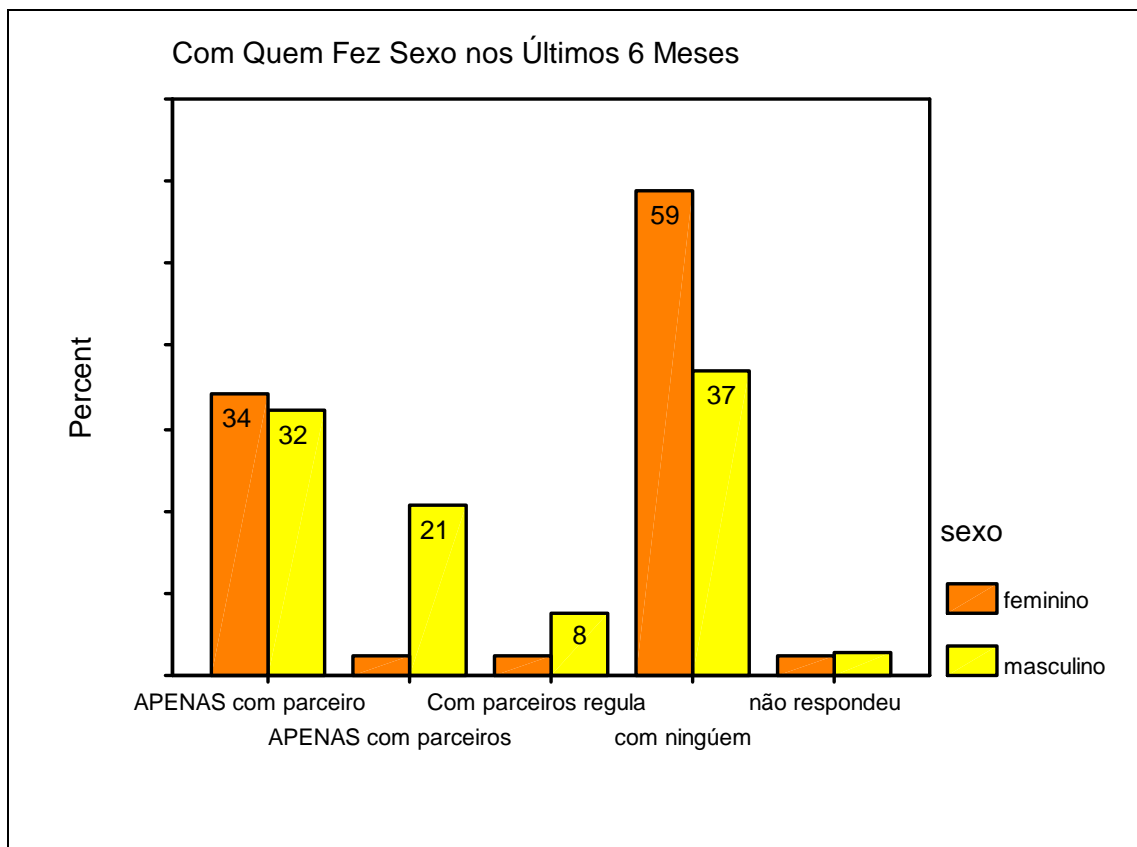
Qual método contraceptivo usa atualmente 1

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	pílula	29	3,7	3,7	3,7
	DIU	2	,3	,3	4,0
	Camisinha Masc.	314	40,1	40,3	44,2
	Camisinha Fem.	1	,1	,1	44,4
	Injeção	6	,8	,8	45,1
	Coito Interrompido	3	,4	,4	45,5
	Vasectomia	2	,3	,3	45,8
	Laqueadura	1	,1	,1	45,9
	não respondeu	422	53,9	54,1	100,0
	Total	780	99,6	100,0	
Missing	System	3	,4		
Total		783	100,0		

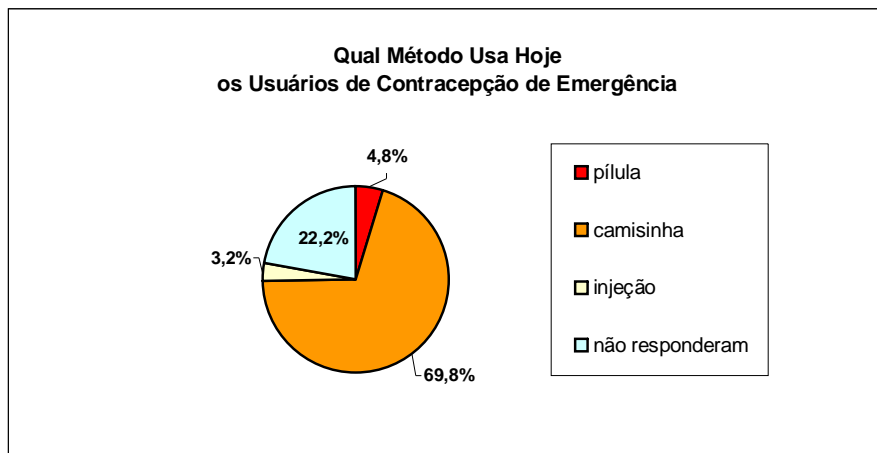
Essa diferença entre os sexos na referência a pílula anticoncepcional, demonstra que as meninas, conforme vão estabelecendo relacionamentos fixos, principalmente com parceiros mais velhos “migram” do uso da camisinha para o uso da pílula. A pílula tem média de uso de 3,7%; entre os que têm namorado esse índice sobe para 8,2%; entre os que afirmam ter parceiro fixo para 10,2% e entre os que residem com o companheiro

14,3%; sendo relevante também o aumento de seu uso para quem já engravidou, que passa para 8,1%.

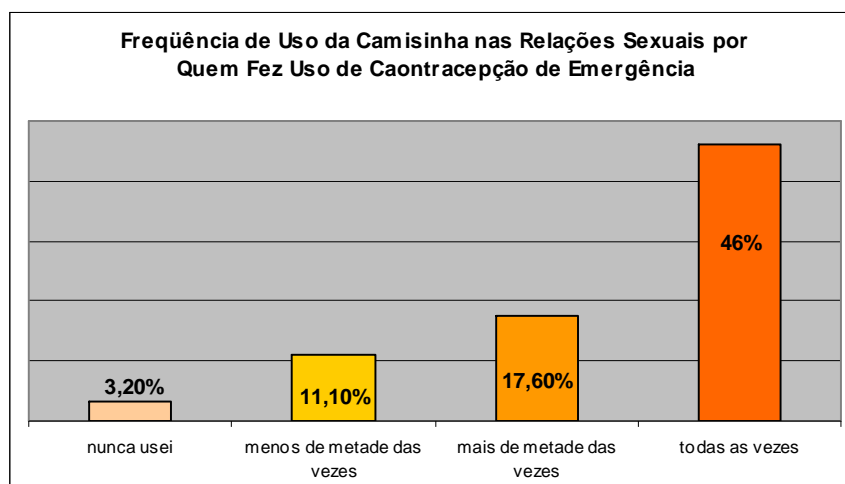
As atividades sexuais dos últimos 6 meses desses jovens ocorreram predominantemente com parceiros regulares (fixos):



A contracepção de emergência foi utilizada por 12% dos jovens pesquisados, sendo que mais meninos (10%) referiram uso por suas parceiras e apenas 5% das meninas pesquisadas fizeram referência à sua utilização. Dos jovens que utilizaram a contracepção de emergência alguma vez, 84,1% estão usando atualmente algum outro método contraceptivo, que não este:

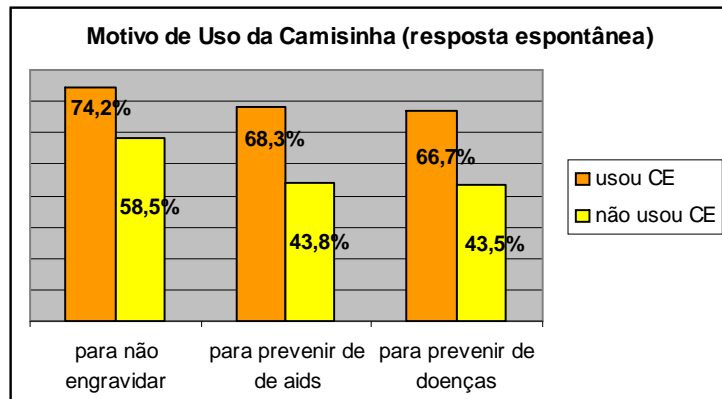


O método regular de uso mais utilizado por quem já utilizou a contracepção de emergência é a camisinha masculina é utilizada por 69,8% dos que já recorreram a essa solução de emergência. Este uso é representativo também com relação à frequência, visto que 46,0% declaram utilizá-lo em *todas as vezes que transa* e outros 39,7% em *mais da metade das vezes que transa*:

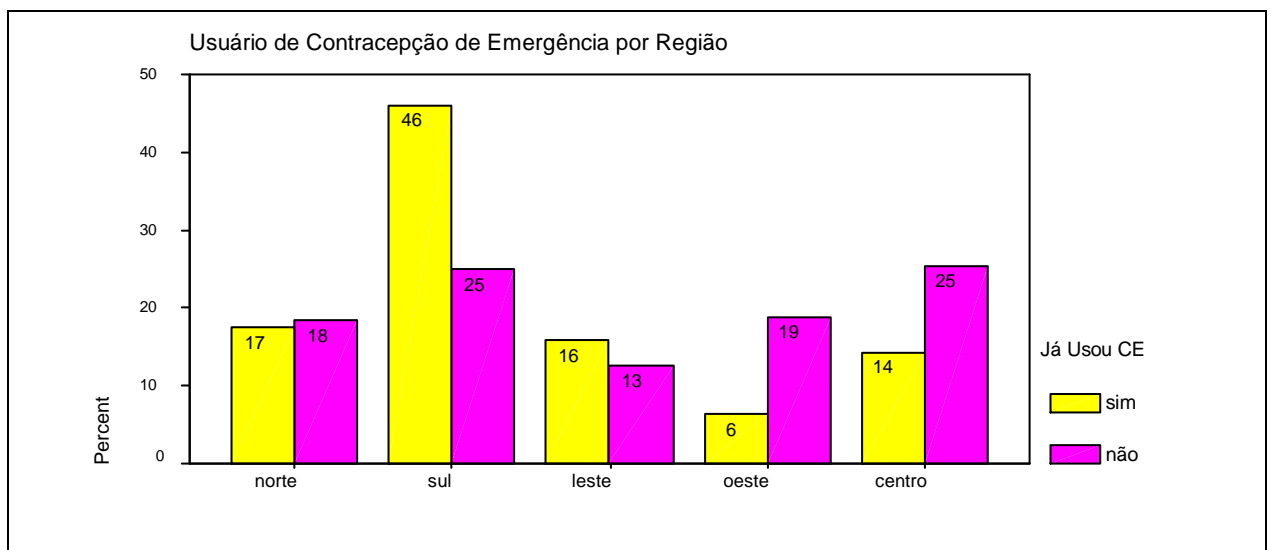


A pesquisa demonstrou que, dos jovens que mantêm relações sexuais, 82% das meninas e 94% dos meninos disseram que usam camisinha masculina nas relações sexuais. O motivo mais referido para o uso da camisinha masculina é o mesmo para os homens e mulheres: *evitar a gravidez* (referido por 73%). Apenas em seguida é citada a utilização da camisinha para prevenção de DST (66%) e a AIDS (66%).

Inclusive entre os jovens que fizeram uso da contracepção de emergência a referência de uso da camisinha é justificada espontaneamente por 74,2% como *para não engravidar* (principal motivo) enquanto que *para evitar aids* foi referido por 68,3% e *para evitar doenças* por 66,7% deste público.

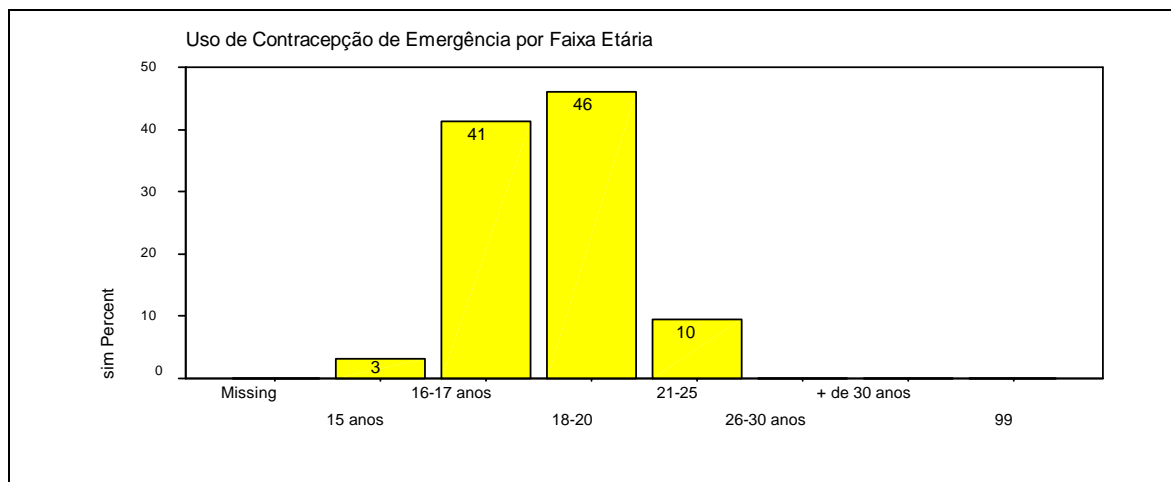


Ao mesmo tempo, observa-se que o público que utilizou contracepção de emergência é predominantemente oriundo de regiões mais pobres, (zona sul e leste na cidade de São Paulo, e menos da região “nobre” (zona oeste da cidade), e do ensino noturno (61,9%), contra 38,1% do ensino diurno.



Isso demonstrando que a contracepção de emergência foi utilizada também por um público menos favorecido, que estuda à noite, normalmente porque trabalha ou porque está em busca de emprego.

Ao mesmo tempo, o perfil de usuários da contracepção de emergência é predominantemente de pessoas com prática sexual regular (63,5% tem parceiro fixo e 90,5% teve prática sexual nos últimos 6 meses) e, portanto, alta vulnerabilidade para a gravidez. Essas pessoas na maior parte das vezes estão na faixa de 15 a 25 anos e residem com os pais ou outros parentes, sendo que apenas 1,6% deste usuários moram com parceiros e 6,3% sozinho.



Nenhuma pessoa que alegou o uso de contracepção de emergência entre o público pesquisado residia com filhos. A experiência de ter tido ou não uma gravidez mostra uma certa relevância dessa experiência para uso do método, já que entre os que usaram 22,2% (14 pessoas) tinham engravidado ou engravidado parceiras, contra 7% dos que não precisaram recorrer a este método. Muitas dos usuários de contracepção de emergência referiram inclusive maior prática de aborto, 17,5% (11 pessoas), contra apenas 4,7% de abortos entre os que não a utilizaram.

Conclusão

O estudo verificou que há amplo conhecimento e utilização de métodos contraceptivos entre a população escolar de Ensino Médio da cidade de São Paulo. Verifica-se que as campanhas de uso de preservativo vêm surtindo efeito entre esta população, já que é o método mais utilizado por ambos os sexos.

Porém, a principal preocupação e motivação para a utilização referida por esses jovens é a prevenção da gravidez e, só em seguida, há referência à proteção contra doenças e a aids. Essa preocupação com relação a gravidez está pautada na experiência de diversos casos desta e inclusive de abortos entre este público, principalmente entre jovens que residem em famílias apenas com a mãe.

O estudo demonstra que já há amplo conhecimento da contracepção de emergência (chamada popularmente de pílula do dia seguinte) e uma utilização bastante representativa para o tempo de 3 anos em que ela está sendo comercializada no país.

A utilização da contracepção de emergência não provocou o abandono ou substituição do uso de outros métodos contraceptivos e nem da camisinha entre o público que a utilizou. Ao contrário, o estudo demonstrou que o uso da camisinha continua consistente e freqüente e que a utilização da contracepção de emergência foi pontual.

A utilização da contracepção de emergência atingiu principalmente setores sociais desfavorecidos e com maior vulnerabilidade de gravidez não-planejada, como jovens de regiões de classe mais baixa, estudantes do noturno, com parcerias estabelecidas e alta frequência sexual. Essa população é predominantemente jovem, principalmente até 20 anos e, algumas, com experiência de gravidez e inclusive abortos.

O estudo demonstrou também uma predominância de “migração” do uso da camisinha masculina para a pílula anticoncepcional por mulheres, demonstrando que o desenvolvimento de parcerias fixas desestimula o uso de camisinha entre este público.

Considera-se assim, que:

- a principal preocupação demonstrada para a escolha de métodos é a prevenção da gravidez;
- é fundamental a divulgação e disponibilização da contracepção de emergência para o público em geral e, também, jovem e adolescente, de forma a facilitar que realizem a prevenção de gestações não-planejadas e principalmente não tenham que recorrer a circunstâncias de aborto;
- há necessidade dos profissionais da área de sexualidade e prevenção de DST/Aids, que trabalham com a faixa etária jovem, integrarem a divulgação da contracepção de emergência, para reforçar seu uso correto e pontual, não substitutivo de métodos regulares;
- não é necessário temer o uso abusivo da contracepção de emergência, visto que a tendência de uso é pontual e não concorre com o preservativo e, pelo contrário, pode ser divulgado como um complemento contraceptivo para casos de falha deste, tornando-o mais eficaz e de melhor preferência;
- a dobradinha camisinha-contracepção de emergência deve ser estimulada entre jovens (no lugar da dobradinha camisinha-pílula), para que não haja abandono no decorrer de relacionamentos duradouros, do uso da camisinha.